

Collor, dos descamisados e das boas grifes.

Fernando Collor de Mello não sabe o que fazer com tantas adesões — muitas delas indesejadas, que ele tenta barrar simplesmente não abrindo a porta de seu escritório em Brasília, já repleto de vereadores e deputados estaduais. Daso Coimbra (PMDB-RJ) é um dos que Collor diz não querer ver nem em fotografia; o senador Olavo Pires (PTB-RO) é outro que o comitê rejeita por seu suposto envolvimento em contrabando e tráfico de drogas. As más companhias de Collor são um prato cheio para seus adversários, que não se cansam de investigar seu próprio passado e denunciar aos eleitores.

“O candidato do PRN já traiu duas vezes o povo brasileiro: quando votou contra as diretas em 1984 e contra Tancredo Neves, em 1985”, denunciou ontem o líder do PDT, Vivaldo Barbosa, da tribuna da Câmara. “E quem traiu o sentimento do povo duas vezes está preparado para traí-lo de novo.” Quem ataca Collor, contudo, sabe que não será dessa forma que

sua popularidade vai baixar. “Isso só acontecerá quando se tornarem públicos os nomes dos aliados de Collor”, sugere o deputado Paulo Delgado (PT-MG).

Por enquanto, Collor não se preocupa com isso. Ontem, ele reuniu uma seleta plateia de amigos que mantém desde a adolescência na inauguração do comitê central do Movimento Popular Fernando Collor, em Brasília. “Sou portador das bandeiras dos pés descalços, dos descamisados, dos oprimidos, dos deserdados pela elite dirigente deste país”, dizia ele aos velhos amigos Guigo Boy, Paulinho Crazy, Jean Bode, Ronaldinho Monte Rosa, entre outros — todos trajando ternos de boas grifes.

Os amigos de Collor são muitos e a eles deverão se juntar os companheiros da turma do Colégio São Vicente, do Rio de Janeiro. São mais de 450, na maioria hoje empresários bem-sucedidos e dispostos a participar da campanha. “Já contatamos 250 e o índice de rejeição não chegou a

5%”, exultava ontem o engenheiro Paulo Valença, um dos ex-companheiros de Collor e um dos encarregados de inaugurar o comitê do candidato no Rio, já no próximo mês.

Collor não quer perder tempo. Ainda ontem, no Rio, foi entrevistado por mais de 50 correspondentes de jornais estrangeiros, que o questionaram sobre as relações comerciais Brasil-Estados Unidos e o pagamento da dívida. “Tratarei da dívida dentro das regras vigentes”, disse ele. E aproveitou para divulgar sua disposição de atrair investimentos do exterior, além de garantir, se eleito, lutar para que a Copa do Mundo de 1998 seja no Brasil.

Hoje à noite, Collor estará em Ribeirão Preto, no primeiro comício paulista da campanha. A região escolhida é estratégica — a mais rica do País, com uma renda **per capita** de 5.500 dólares, quase o triplo da média brasileira. É um colégio eleitoral com mais de um milhão de votos, muito superior a vários Estados da Federação.